

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VOZES VELADAS

peça em dois atos

EGLÊ MALHEIROS

Eglê Malheiros

Teatro de Vozes
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

1º Ato

Estamos num teatro vazio, com umas poucas pessoas espalhadas nas primeiras filas, como acontece durante os ensaios; o palco, pequeno, tem à frente o poço do Ponto. O palco está bem iluminado e quatro personagens com elementos de traje de época compõem uma cena muda, com ademanes e beija-mão da moça por parte de dois rapazes e cumprimentos quase servis ao ancião. Um dos rapazes é louro e o outro, vestido como um peralvilho, mulato. A cena já vem se desenrolando, as personagens devem falar, só que não se lhes escuta a voz. O tom deve ser de seriedade e de certa contenção, mas um ineludível ar de ridículo tinge tudo.

PONTO

(saltando de dentro do poço, vem gritando, em tom que vai da súplica à exasperação.) Não, não, não (e deixando cair os braços em desânimo). Assim não dá. (Está vestido de preto, uma sobrecasaca elegante e bem-cortada, camisa branca. É uma bela figura de homem, pele retinta, ar aristocrático, sem ser empafado. Durante toda a peça usará a mesma roupa que, no decorrer, irá ficando gasta até a evidente pobreza.)

DIRETOR

(pulando de uma cadeira da platéia e caminhando decidido para o palco.) Desde quando o senhor deixou de ser ponto e tomou o meu lugar?

PONTO

Sou ponto, sim, com muita honra; é trabalho honesto e ajuda a arte teatral, mas não posso calar quando se trata de deturpar minha vida.

DIRETOR

Você é mesmo um cara presunçoso. A peça está baseada em sólida documentação e foi escrita por um membro da Academia e além d...

PONTO

Que por certo não leu seu confrade Raimundo. Nunca fui capacho de

ninguém, desde criança aprendi a respeitar os outros e me respeitar, quem me ensinou isso foi...

DIRETOR

Já sei, já sei, a Dindinha Clarinda e o Marechal Guilherme, que além disso pagaram seus estudos.

PONTO

Quem me ensinou isso foram meus pais, Carolina e Guilherme, o pedreiro. Sou grato à Dindinha, fui muito mimado por ela quando pequenino, mas foram eles, os meus pais, que mourejaram para que Norberto e eu estudássemos, enquanto puderam agüentar.

(Enquanto se trava o diálogo, as personagens que estavam no palco vão se esgueirando para fora de cena e sentam-se na platéia. Durante todo o ato, na medida da necessidade, os atores saem da platéia e ocupam o palco para desempenhar determinados papéis, tanto por iniciativa própria como obedecendo ordens. O palco, no decorrer do diálogo perde sua iluminação crua e ganha uma luz densa que, na falta de outro adjetivo, chamaremos de evocativa. Quando forem usadas palavras do Poeta, uma luz de cor especial que se manterá a mesma durante toda a peça, sinalizará seu uso para os espectadores. Quando o Diretor estiver falando e se referir a paisagens e objetos, haverá no palco uma projeção realista dos mesmos, ou melhor, naturalista. Quando Ponto-Cruz e Sousa comandar a cena bastará a sugestão por meio de índices ou mesmo símbolos, mas de forma a que tenham uma presença forte e ineludível. Por ocasião do comando do Diretor, a luz nos espaços necessários torna-se crua, dando a tudo, por causa disso, um ar artificial.)

DIRETOR

Vou deixar claro uma coisa, para você e todos aqui presentes, esta merda de espetáculo vai sair de qualquer jeito; com bastante blá blá blá, trajes de época e quanta porcaria mais. Depois então eu monto meu espetáculo, conceitual, acima das palavras. Mas para mim a verdade é que *no post no money*, e eu quero esse *money*. Eu pouco me importo com essa Desterro e pouco me importo com esse passado morto, mas os patrocinadores dizem que a peça vai contribuir para a formação da nacionalidade, valorizar a miscigenação, ajudar a amalgamar a unidade do povo. Se soltam dinheiro, tudo bem. É bom não

esquecer que eu sou um profissional e tenho zelo pelo meu trabalho; eu respeito quem é profissional, do cientista à puta da esquina. Seu Sousa, por favor para o poço. *(Há risinhos solapados, murmúrios de protesto, enquanto o Ponto se dirige a contragosto para o poço.)* Aqui, bem aqui, uma esteira. No outro ensaio a gente completa o cenário. Vamos repassar as cenas da infância. Disponham esses boliches, uns sete ou oito, como se fossem crianças, não esqueçam este aí bem preto. É o retrato do artista quando criança. *(Ri.)* A escola de D. Camila, vai receber um novo aluno.

ATRIZ

Eu faço mesmo a mãe do Araújo Figueiredo?

DIRETOR

Ligeiro aqui, segure a mão de seu filho. Hoje, como ela faltou, lerei a parte de D. Camila. *(O Diretor se coloca de forma a observar "as crianças" e encarar a visitante, tem uma vareta na mão.)*

MÃE

Estou lhe trazendo o Juvêncio; puxe bem por ele, é vivo mas um tanto traquinas; se incomodar a senhora não se avexe, bata mesmo.

DIRETOR

Só castigo os guris em último caso. O Juvêncio deve seguir o exemplo do João da Cruz, que apesar de negro é o melhor aluno; logo logo não terei mais o que lhe ensinar. *(Enquanto fala aponta o aluno com a vareta.)* É cria da casa do Marechal Guilherme.

(Enquanto se desenrola a cena o Ponto vai emergindo do poço, a luz se vai transformando, um ator adulto, que dora em diante fará o papel de Juvêncio Araújo Figueiredo, dá a mão à mãe. O Ponto puxa-o para perto de si e o interpela.)

PONTO

Foi sempre assim, não foi, Araújo? Eu o fenômeno, a *avis-rara*, o bicho de circo. Davam tratos à bola para me explicar.

ARAÚJO

É, meu caro, seja compassivo com a estupidez humana. Mas que tu eras um negrinho notável, eras. Jamais me esqueci de tua carita reluzente, olhos e

brilhar de contentamento pelos elogios. Naquela esteira em que D. Camila nos desasnava fundamos esta bela amizade.

PONTO

Eu era muito criança, não percebia como a estupefação que lhes causava estava na razão direta do desprezo que votavam à minha gente. E, depois, atribuíam todos os méritos à Dindinha.

ARAÚJO

Que teve o grande mérito de te tratar como gente.

PONTO

Ela foi carinhosa, eu era o "ai Jesus" da casa; logo o marechal morreu, ela adoeceu e pouco depois deixou este mundo, como gostas de dizer. Mas já paraste para pensar no que ia na cabeça do tiçãozinho, como se referiam a mim, a título de agrado?

ARAÚJO

Torno a reafirmar, graças a eles nunca te julgaste inferior a quem quer que seja; ninguém escravizou tua alma.

PONTO

E eu vivi sempre dividido entre dois mundos, sem a nenhum pertencer por inteiro.

ARAÚJO

Tu és da estirpe daqueles que preparam o futuro. Quando alguém exclamou *Black is beautiful* estava, talvez sem o saber, respondendo a tua voz.

PONTO

Meu amigo, sempre generoso e compassivo. Quisera ter sido capaz de olhar o mundo com os teus olhos bondosos. Muito cedo o encanto da infância se desfez e por mais que eu o afastasse, tive de beber o cálice de fel.

(Enquanto trocam as últimas falas, o Diretor se aproxima, faz sinal para que retirem a esteira e que se levantem as atrizes que haviam se sentado num banquinho. Empurra com delicadeza e mímica o Ponto para o poço, pega o ator que fazia Araújo pelo braço.)

DIRETOR

Meu caro, temos de repassar a cena da Idéia Nova, aquela turma jovem que opunha o realismo ao romantismo vigente, apoiada pelo intelectual presidente da Província. Eram uns dasabusados, houve até uma guerrilha de palavras. Você, nesta cena, faz o Virgílio Várzea, temos ainda o Santos Lostada, Oscar Rosas, Araújo Figueiredo e outros. *(Dirigindo-se aos outros.)* Venham para cá, junto ao monumento aos heróis da Guerra do Paraguai. Os moços acabaram de ler o que foi publicado contra eles, e estão agora divulgando para os basbaques, que os escutam entre indiferentes e divertidos, suas respostas. Comecem.

(Os atores se aproximam com pedaços de papel nas mãos, lendo suas falas.)

ATOR (ARAÚJO)

Vamos responder aos trogloditas, aqui junto deste monumento pronto, mas inacabado, símbolo perfeito de como andam as artes nesta Desterro; fultou dinheiro e adeus estátuas, bastou a base.

ATOR 2

A esta terra não faltam estátuas ambulantes, imponentes mas ocas. É preciso publicar logo na *Regeneração* a resposta; mostrar que não nos curvamos. Anda, lê.

ATOR 3

(interrompendo.) Que sejam versos melhores do que aqueles com que saudaram os Voluntários da Pátria. *(Recita com exagero:)* Salve bravos guerreiros voluntários/Que a Pátria cara enfim dasafrontastes/E os brios do Brasil desagravastes/Da ofensa de um tirano e seus sicários. *(A turma bate palmas irônicas.)* Ainda tem mais, aqui diante deste monumento chegou-se à perfeição da estultícia, sempre os Voluntários, que alguns chamam Voluntários a Maneador. Valentes os brasileiros lutadores/Ovantes ei-los marcham - as bravas frentes,/Lauríferas coroas refulgentes/Ufanos ofertemos e mil flores. *(Faz uma zumbaia, finge enxugar lágrimas de emoção. Riem.)*

ATOR C

(ele é o mesmo ator, mulato, que apareceu na cena muda do começo da peça. Fará sempre o papel de Cruz e Sousa.) É bom recordarmos, para os que tão

DIRETOR

Não sei não, acho que está um tanto agressivo; será que a rapaziada ousava tanto? Vamos manciar.

ATOR I

É bom não esquecer que eram apoiados pelo governador, metido a beltrista.

DIRETOR

Presidente da província, ainda era Império. De qualquer jeito suspende, vou pensar. Vamos passar...

PONTO

(esticando a cabeça para fora.) Ousávamos isto e muito mais, demorou para surgir uma geração que se aproximasse de nossa ousadia. E não era bravata, era ímpeto de luta por ideais e idéias revolucionários. Sabe o que era ser anticlerical na Desterro de então? Embora tivéssemos alguns padres como amigos. Sabe o que era ser anti-escravagista, defender a igualdade dos seres humanos?

DIRETOR

Ó João da Cruz, tu não aprendes que o silêncio é de ouro. Ponto é para repetir o que está escrito, não permitir licenças com as escrituras, é o guardião daquilo que é.

PONTO

(meio corpo para fora.) Não é porque tenho que ganhar a vida que eu viro coisa, gente nasci, gente sou e gente sempre serei.

DIRETOR

(escarnecendo.) Aplausos delirantes. *(Volta-se para os atores.)* Vamos ver aqui como ficam as falas da cena noturna. *(Enquanto vai falando, leva os atores para o fundo do palco, onde formam uma rodinha.)*

ARAÚJO

(aproxima-se do Ponto, dá-lhe a mão para que saia e ambos se sentam no chão, para cavaquear.) Que batalha infinda, hein, Poeta?

PONTO

Porque eles dobram a cerviz, julgam que todos são como eles.

ARAÚJO

Se ele tivesse lido *Moleque* ou teus artigos na *Tribuna Popular* ia ver o que é ter coragem.

PONTO

Só eu não, toda a malta.

ARAÚJO

(tira do bolso um papel.) Isto aqui, que saiu em *Tropos e fantasias*. *(Lê.)* Um padre escravocrata!... Horror! Um padre, que deixando explodir todas as interjeições da ira, estigmatiza a abolição. Ela há de fazer-se malgrado os exorcismos crus dos padres escravocratas.* *(Percorre o texto, fisgando aqui e ali trechos.)* Não dá para ler tudo, mas ouve: o trabalho da abolição se fará com a palavra inflamável, com a palavra que é o raio e dinamite... *(Quando começa a ler, Araújo se põe de pé, o Ponto também, e, ao Araújo dizer "com a palavra inflamável", o Ponto passa a dizer com ele, depois Araújo percebe e deixa o Ponto dizendo sozinho.)*

PONTO

...como o era na boca de Gambetta, a maior concretização do estupendo, depois do sol./A palavra que ri... de indignação; um riso convulso... de réprobo, funambulesco...de jogral./O riso de um inferno... dantesco./Ouves, padre?...? Compreendes, sacerdote?.../Entendes, apóstolo?.../Então para que empunhas o chicote e vais vibrando, vibrando, sem compaixão, sem amor, sem te lembrares daquele olhar doce e aflitivo que tinha, sobre a cruz o filho de Maria?

ARAÚJO

Temos que dizer, embora estejas cansado, as palavras finais.

PONTO E ARAÚJO *(EM UNISSONO)*

É tempo de zurrirmos os escravocratas no tronco do direito, a vergastadas

* Os trechos em negrito correspondem a poemas e prosa de Cruz e Sousa.

de luz.../Sejam-te as virtudes teológicas, padre, a liberdade, a igualdade e a fraternidade - maravilhosa trilogia do amor./Unge-te nas claridões modernas e expansivas dessas três veias - artérias da verdadeira Filosofia Universal.

(O Diretor vem para a frente do palco, hesita ante as últimas palavras e logo se recompõe.)

DIRETOR

As grandes palavras passaram de moda. Tenho é que descobrir um jeito de deixar esta peça mais animada, dar-lhe mais ritmo. Vamos de novo à cena da serenata. Vocês já sabem, cidadezinha iluminada por lampeões, a lua cheia é um farol.

(O palco fica em penumbra, projeta-se ao fundo a silhueta de uns sobrados, clarão de lua, ouve-se música de violões, alguém passa dedilhando um violão, enquanto uma voz em off recita.)

VOZ EM OFF

Vozes veladas, veludosas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
(Há um intervalo só de música, e voz prossegue:)
Que céu, que inferno, que profundo inferno,
que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,
quanto magoado sentimento eterno
nesses ritmos trêmulos e indecisos...

DIRETOR

Repete vozes veladas e depois diz o final.

VOZ EM OFF

Vozes veladas, veludosas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
(Ouvem-se violões tocando e depois os versos finais:)
Toda a mórbida música plebéia

de requiebro de faunos e ondas lascivas;
 a língua, mole e morna melopéia
 das valsas alanceadas, convulsivas;
 tudo isso, num grotesco desconforme,
 em ais de dor, em contorsões de açoites,
 revive nos violões, acorda e dorme
 através do luar das meias noites!

(Com os últimos versos vai-se desfazendo o clima romântico e retornando a iluminação e vemos o diretor se dirigindo irritado para os atores.)

DIRETOR

Não dá, assim não dá. *(Falando para um em particular.)* Não te disse que escolhesse as estrofes para encenar uma serenata? É me vens com isto.

ATOR

É assim o final. Deve ter lembrado da música dos escravos nas senzalas.

DIRETOR

O cara vivia como um sinhozinho, todo táful e agora me vens com essa conversa. Lê isto aqui.

ATOR

(pegando o papel e lendo:)

MÃOS

Ó Mãos ebúrneas, Mãos de claros veios,
 esquisitas tulipas delicadas,
 lânguidas mãos sutis e abandonadas,
 finas e brancas, no esplendor dos seios.
 Mãos etéricas, diáfanas, de enleios,
 de eflúvios e de graças perfumadas,
 relíquias imortais de...

DIRETOR

Chega. É só para mostrar a todos vocês que o crioulo era gamado numa loura, bem branca.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ATOR C

Você não vai querer me dizer que vai defender o *apartheid* numa peça que, segundo você mesmo diz, demonstra a democracia racial. (*Há murmúrios de concordância.*)

DIRETOR

(*em tom de desculpa.*) Não é bem isso. Vejam, nem se havia ainda feito a abolição e o cara me escreve versos como "Assim loira és mais formosa" ou ainda "Ó meu pálido amaranto/não és inglesa, és brumosa" ou ainda comenta o que sente "Quando soltas os cabelos/repletos de pesadelos/e de perfumes de ervagens". Haja pretensão!

ATRIZ (*NEGRA OU MULATA*)

Quem foi cantada por um poeta como esse vive para sempre. Se bem que estes últimos versos me pareçam um bocado forçados.

ATOR

São versos de aprendizado. A Idéia Nova combatia o romantismo em prol do parnasianismo, mas sabes que o romantismo é um fungo da alma nacional.

DIRETOR

Todo mundo já sabe, já discutimos a questão das escolas. Os teóricos afirmam que Cruz e Sousa só amadureceu no Rio, como simbolista.

ATRIZ

Mas você já usou neste ato muitos poemas simbolistas.

DIRETOR

Já disse que é uma peça, por sinal bem fraquinha, que eu tento salvar com os versos da cara; não é uma cronologia. (*O Diretor olha em volta, meio perdido, depois bate palmas e anuncia:*) Quinze minutos britânicos para o café.

(*Os atores em cena se dispersam e a luz se concentra no Ponto.*)

PONTO

(*saindo do poço e chamando:*) Araújo.

ARAÚJO

Que barra, hein, Poeta. Agora querem te cobrar ter cantado as loiras. E olha

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

que eram bem platônicos.

PONTO

Os versos, sim, em certa medida. Mas quanto aos desejos... Eu ardia, como ardiam todos os jovens de então, e por certo também - embora fosse anátema quem ousasse pensar isso - ardiam as donzelas. Cheguei a escrever: "Carnais, sejam carnis tantos desejos". Numa sociedade em que amor e desejo deviam andar separados, uns poucos toleravam que amasse as mulheres brancas, mas me era interdito desejá-las.

ARAÚJO

Para o desejo existiam as desclassificadas e que, por uma lei natural, parece, eram negras ou mestiças.

PONTO

Quanta hipocrisia e quanta lama, na qual chafurdei.

ARAÚJO

Que é isso, amigo? Foste carinhoso com Pedra, negra como tu.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 326.0242 - CEP 90020-025

PONTO

E enrolei-a num noivado infundável, enquanto tentava me firmar na vida. Bem sabes que tentei ganhar aqui o meu pão.

ARAÚJO

Apesar de saberes línguas clássicas e modernas, matemáticas e filosofia não inspiravas respeito mas sim inveja despeitosa; ser teu aluno era pôr em dúvida a supremacia branca.

PONTO

Eu me pergunto, em que medida minhas andanças pelo país como ponto de companhias teatrais não era uma forma de fugir de Pedra, tão meiga, tão pura.

ARAÚJO

A primeira excursão, com a Julieta dos Santos, me pareceu fruto de paixão serôdia.

PONTO

Paixão serôdia? Eu tinha vinte anos.

ARAÚJO

E ela doze. Não fique aborrecido, amigo. É só brincadeira.

PONTO

A verdade é que chafurdei na lama. Respeito pela noiva, respeito pelas musas e a carne gritando, exigindo. E eu que, por minha mãe, sempre odiei que se fizesse da mulher escrava pasto para desejos insatisfeitos, eu as procurava, as mulheres ditas decaídas, e pagava os meus tostões. Sabes aquela escrava de ganho, cuja patroa lhe pusera o corpo para vender e assim pagar os estudos de seu filho padre? Aquela...

ARAÚJO

Então era ela a Rosa Negra?

PONTO

Sim. "Rosa negra da treva, Flor do nada,/dá-me essa boca acidula, rasgada,/que vale mais que os corações proibidos!".

ARAÚJO

Mas meu caro, não era só contigo. Todos nós sofriamos com essa dicotomia entre carne e coração.

PONTO

Mas eu me sentia tão infame quanto aqueles negros que eu abominava, os negros que tinham escravos, muitas vezes já tendo eles próprios sido escravos. Sabes, a senzala era o lugar da negação da vida; poucas mulheres ficavam prenhas e a maioria abortava: excesso de trabalho, maus tratos. Uma família como a minha era exceção. Por muito tempo foi mais barato comprar escravo novo do que fazer criação; quando os ingleses engrossaram de fato é que os moleques se tornaram mais valiosos, mas com a Lei do Ventre Livre...

ARAÚJO

Mesmo assim o senhor podia usá-los até os vinte e um anos.

PONTO

Viste como eu vivi sempre no fio da navalha? Qualquer alteração nos acasos de minha vida e lá mergulhava eu no destino de minha raça.

ARAÚJO

Tens razão, mesmo a alforria não era garantia de liberdade, podia ser suspensa. Imagina se o Marechal Guilherme fosse dos fominhas e resolvesse aproveitar o bom preço. Mais da metade da escravaria do Desterro foi vendida, pouco importando se ia mãe para um lado e filho para outro.

PONTO

Eu amadureci muito cedo, pensa se é fácil ser tratado como um querubim enquanto os pais o são como escravos. Porque, por mais compassivo que fosse o senhor, ele estava doente da doença que ataca a todos numa sociedade em que haja senhores e escravos: não reconhecer o outro como seu semelhante. Havia tantos temas em minha cabeça. Eu tinha de mostrar que era um Poeta, alguém que falava pela humanidade, jamais me proibi qualquer território. Mas dentro de mim sempre latejou a angústia das crianças.

ARAÚJO

Como disseste:

Das crianças que vêm da negra noite,
dum leite de venenos e de treva,
dentre os dantescos círculos do açoite,
filhas malditas da desgraça de Eva.

(Faz uma pausa como quem rememora e prossegue.)

Das crianças vergôntecas dos escravos,
desamparadas, sobre o caos, à toa
e a cujo pranto, de mil peitos bravos,
a harpa das emoções palpita e soa.

(Pega a mão do Ponto que, emocionado não consegue dizer junto, só balbuciar.)

As crianças negras, vermes da matéria,
colhidas do suplício à estranha rede,
arranca-as do presídio da miséria
e com teu sangue mata-lhes a sede!

(Enquanto o poema é dito são projetadas cenas de crianças brasileiras nas condições conhecidas; a maioria é constituída por negros e mulatos, mas aparecem também crianças brancas, loiras, indígenas e outras.

Os outros atores acabam de olhos fixos nas projeções.)

ATRIZ

(talvez a que fez a mãe de Araújo.) Duvido que Cruz e Sousa supusesse que, um século depois, seu poema continuasse atual.

ATOR

Com a agravante de que perdeu o preconceito de cor.

ATOR C

Quer dizer que crioulo miserável pode?

ATOR

Amigo, que é isso? É essa imoral concentração de renda e sobre-exploração do trabalho. Que ainda por cima acaba com os empregos.

ATOR C

O tal de capitalismo selvagem.

ATRIZ

O tal de capitalismo *tout court*, dispensa adjetivos. Se você não estiver sempre defendendo o que conquistou, babau.

DIRETOR

Vamos, vamos, aqui não quero reunião de sindicato. Temos que fazer jus ao que nos pagam os patrocinadores. Não fossem eles, os senhores... na melhor das hipóteses estariam fazendo filme pornô.

ATOR C

Tu, hein, bota capacho nisso. Por sinal, um esclarecimento: até filme pornô já está sendo importado, sai mais barato.

DIRETOR

Como seria de esperarmos quinze minutos se multiplicaram. Temos ainda muito para fazer.

ATOR

A gente tem que discutir os problemas, entender melhor a época.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 838
Fone: 236.0242 - CEP 90020-025

DIRETOR

Já discutimos à vontade nos laboratórios. Agora o tempo ruge. *(Alguns risinhos sem graça, a maior parte se cala.)*

ATRIZ

Eu ontem li uma frase de Vieira, o padre do estalo, que resume a posição da classe dominante sobre quem não se submete: ser rebelde e calivo é estar em pecado contínuo e atual.

ATOR

(dirigindo-se ao Diretor.) Pode nos chamar de pecadores, quer dizer, a muitos de nós.

ATOR C

Se a hora é das frases, tem essa que é a súplica da atitude que os grandões tomam diante dos dramáticos problemas brasileiros, é do Visconde de Cairu, o da abertura dos portos: contra o mal da escravaria no Brasil, não cabe ao engenho humano encontrar remédio. *(Risos e comentários, enquanto são interrompidos pelo Diretor.)*

DIRETOR

Por falar em poderes divinos, vamos rápido para a cena do benzimento.

(Há um escurecimento do palco, os atores se retiram, ficando apenas Ator C, um outro e o Diretor.)

DIRETOR

Vocês se lembram, Cruz e Sousa não arranjava emprego, a vida da família estava cada vez mais difícil, poucas lavações para Carolina, pouco trabalho para o pedreiro Guilherme; este decidiu, só podia ser olho grande por seus filhos terem estudado, e João escrever nos jornais; como é que um moço tão inteligente não encontrava onde trabalhar. O jeito era benzer. Tinha de ir, subir o morro das Sete Voltas e pedir que lhe abrissem caminhos.

(Durante a cena ouve-se, em surdina, música de inspiração negra, de preferência ritual.)

ATOR C

(vem chegando com as botinas penduradas nos ombros e um pacote debaixo

do braço, visivelmente constrangido. Mal alvorece.) Sou João da Cruz, filho de mestre Guilherme.

ATOR

Tá cansado, meu filho? A caminhada é longa. Ou tu veio na cacunda de cavalo?

ATOR C

Montei até o pé do morto. Estão aqui os preparos que o senhor encomendou.

ATOR

(conferindo.) Um metro de morim branco, três ovos três vinténs, três búzios abertos, três rosas brancas. Tire a roupa de cima, meu filho. *(Ator C fica de ceroulas e camiseta, visivelmente consternado, mas à medida em que a cerimônia prossegue vai se mostrando mais firme e decidido. Um a um, enquanto resmunga palavras ininteligíveis, o feiticeiro vai passando no corpo de C os objetos trazidos; ao final, recomenda:)* Agora vamos fazer uma trouxa e o meu filho deixa na igreja, na hora em que o padre estiver dizendo missa. Seus caminhos estão abertos.

(Antes que se complete o embrulho o Diretor intervém, contrariado.)

DIRETOR

(dirigindo-se ao Ator C.) Porque este ar tão satisfeito? O cara tem que estar arrasado, foram para o espaço suas farofas de civilizado, culto; ele escreveu sobre isso; adeus ciência, adeus filosofia, voltou ao leito da raça.

ATOR C

Até pode que o Poeta tenha ficado arrasado na ocasião, mas se ele pensou um pouco, há de se ter perguntado: Por que isso é para envergonhar, mas não é para envergonhar carregar pedacinhos do lenho sagrado em escapulários ou acreditar que um pedaço de pão vire verdadeiramente carne do Cristo? Por isso achei que devia ter um ar menos derrotado.

ATOR

Não sei não, acho que naquele tempo ele ainda tinha muita preocupação com o que pensariam dele seus amigos intelectuais. Aspirava a ser um negro de alma branca.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones 226.0242 - CEP 90020-072

DIRETOR

(olhando em torno, e diante do ar interrogativo dos dois atores:) Estou procurando o Diretor, parece que esta merda de peça não tem diretor, ou então tem diretor de mais.

ATOR E ATOR C *(AO MESMO TEMPO)*

(os atores fazem gesto de "ora, o que é isso" e dizem ao mesmo tempo, num tom dúbio, que o Diretor tenta adivinhar se é verdadeiro ou sarcástico:) Que nada, temos diretor e dos melhores, é uma subida honra trabalhar sob seu guante.

(Diretor fica em dúvida, depois resolve deixar pra lá. As luzes vão se reacendendo e o diretor bate palmas, chamando o elenco.)

DIRETOR

Agora, só mais um pequeno esforço, vamos ensaiar o final do primeiro ato e paro, hora de almoço. Ponto, atenção aí, rápido para o poço. Vocês sabem como é, o Poeta resolveu deixar definitivamente sua Desterro, vai para a Capital Federal. Leva dinheiro emprestado de amigos para recomeçar a vida; pouco, pois todos eram uns pés-rapados; ser artista, intelectual, não dava camisa para ninguém. Estamos frente a uma casa modesta, de frente para o mar, sobre um rochedo você está sentado pensativo e diz estes versos, enquanto sopra um vento forte, durante toda a cena, inclusive da despedida.

ATOR C

(seguindo as instruções do Diretor.) Velho vento vagabundo!/No teu rosnar sonolento/leva ao longe este lamento/além do escárnio do mundo. *(Há uns momentos de silêncio e ele se ergue e completa:)* Eu quero perder-me a fundo no teu segredo nevoento,/ó velho e velado vento, velho vento vagabundo!

(Nas últimas palavras o Diretor já está chamando uma atriz e um ator.)

DIRETOR

Vocês vão se despedir do filho, tristes mas vaidosos. Já sabe, a Carolina era uma negrona decidida, alegre, orgulhosa do filho, e você, Guilherme, altivo. Podem começar:

ATRIZ

Que Deus te acompanhe, meu filho. Ouve tua mãe, respeita os outros, não queira ser igual aos brancos, eles se vingam de quem é orgulhoso, se a gente conhece nosso lugar eles são bons, caridosos. Continue decente, que essa é nossa riqueza.

ATOR

Não esqueça da gente, escreva, que teu irmão lê para nós.

DIRETOR

Abracem-no, beijem-no. Carolina dê uma boa gargalhada dizendo "e isso aí, para a luta e para a vitória, meu filho!"

(Enquanto se desenrola a cena o Ponto surge e interrompe.)

PONTO

Que palhaçada! Carolina foi uma flor infernal de sangue e treva que a Angústia fecundou. Criatura dos Anjos que, no entanto, o Inferno possuiu e por fim acabou por estrangular... Ser do meu ser! Os outros seres vãos, que babujam a terra com a argilosa Infâmia de que são feitos, nunca saberão, nunca, que hóstia sanguinolenta e travorosa deram-te a comungar na Vida, que pão tenebroso de Páscoa de lágrimas deram-te a devorar. *(Enquanto vai falando, Ator C recua para o fundo e os atores que fazem os pais se aproximam, o Ponto beija a testa de Carolina, pega a mão de Guilherme e fala:)* Operário humilde da terra, que levantaste as torres das igrejas e os tetos das casas, que fundaste os alicerces delas sobre pedra e areia como os teus únicos sonhos. ...Eu, longe que andava, não te pude ver no teu belo e grave desdém tranqüilo de morto. Lá no Inexorável, na perpétua Dispersão, não sentirás mais o grosso rugir da miséria humana, a mão de ferro da prepotência esmagando tua subjetividade modesta. *(Abraçando os dois e fitando ao longe.)* Todas as ferocidades, todas as durezas, enfim, cessaram no fundo Silêncio negro.

(As luzes se apagam e desce o pano, fim do Primeiro ato.)

2º Ato

(Palco iluminado apenas na frente, percebem-se vultos, parados, atrás; ouve-se música que vai ficando de fundo e as palavras ganham força. São ditas pela voz do Ponto.)

VOZ DO PONTO

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luars, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turibulos das aras...

Formas do amor consteladamente puras,
de Virgens e de Santas vaporosas...

Brilhos errantes, mádidas frescuras
e dolências de lírios e de rosas...

(Há uma pontuação só de música e vem o final da "Antífona", ainda pela mesma voz.)

Flores negras do tédio e flores vagas
de amores vãos, tantúlicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
nos turbilhões quiméricos do Sonho,
passe, cantando, ante o perfil medonho
e o tropel cabalístico da morte...

(O palco se ilumina, deixando ver, sentados no chão, os atores em torno do Diretor; meio de lado, largado sobre uma banquetta, o Ponto, que acompanha o que se passa em cena.)

DIRETOR

Como vocês sabem, o poema "Antífona" é um manifesto simbolista, e abre o volume de versos *Broquéis*, que marca a estréia literária de Cruz e Sousa, no Rio de Janeiro.

ATOR 1

É bom lembrar que broquel é um escudo; no meu entender, a poesia lhe servia de escudo contra as agruras da vida.

ATOR 2

A poesia e o grupo de amigos dedicados e fiéis que o rodeavam e prestigiavam.

DIRETOR

Eu acho que ele devia ser um bocado insuportável, julgando-se e proclamando-se o tal. *(Dirigindo-se à Atriz:)* Você leia só o soneto "O Assinalado".

ATRIZ

É eu acho você impermeável à poesia. *(Diz o soneto:)*
Tu és o louco da imortal loucura,
o louco da loucura mais suprema.
A terra é sempre a tua negra algema,
prende-te nela a extrema Desventura.
Mas essa mesma algema de amargura,
mas essa mesma Desventura extrema
faz que tu'alma suplicando gema
e rebente em estrelas de ternura.
Tu és o Poeta, o grande Assinalado
que povoas o mundo despovoado,
de belezas eternas pouco a pouco.
Na Natureza prodigiosa e rica
toda a audácia dos nervos justifica
os teus espasmos imortais de louco!

ATOR C

O cara era poeta pacas. O que eu ainda não entendi é como você aceitou dirigir esta peça. Não toca a tua sensibilidade, se é que você tem uma.

DIRETOR

Não engrossa. Olha que não é difícil encontrar outro para o teu lugar, no Brasil somos todos mulatos em maior ou menor grau; quase todas as famílias têm um

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

pé na cozinha...

ATRIZ NEGRA

(interrompendo.) Para tristeza de gente como você. O que eu acho que está disseminado no Brasil, mais que disseminado, entranhado, é o espírito de senhor de escravo. As relações de trabalho são escravistas, se você trabalha para alguém, não lhe vende apenas sua força de trabalho, ele se acha dono de seu corpo e sua alma.

ATOR ARAÚJO

Imagine na época de Cruz e Sousa, recém fora feita a Abolição e proclamada a República, quando ele veio para o Rio. Muita coisa mudara na aparência, mas na essência continuava igual.

DIRETOR

Já vi que estou rodeado de filósofos e sociólogos, não de uns atorzinhos de merda, loucos à procura de trabalho.

ATOR ARAÚJO

Para gente como você cabem as palavras do Poeta:
Ó meu ódio, meu ódio majestoso,
meu ódio santo e puro e benfazejo,
unge-me a fronte com teu grande beijo,
torna-me humilde e torna-me orgulhoso.
Humilde, com os humildes generoso,
orgulhoso com os seres sem Desejo,
sem Bondade, sem fé e sem lampejo
de sol fecundador e carinhoso.

DIRETOR

Sentamos aqui *(e dizendo isto se levanta, ele que continuara sentado displicentemente enquanto os outros se movimentavam)* para acertar detalhes, tornar mais harmonioso nosso convívio, mas não adianta, é jogar pérolas aos porcos. Vocês me ofendem, atingem minha autoridade e ficam com essa cara pasmada, como se não soubessem por que estou irritado. Pra mim chegou. Vou sair, falar com o patrocinador, deixar tudo bem claro. Enquanto isso tratem de decorar as falas da cena final, que ainda há pouco saiu uma porcaria.

Aviso que quem não estiver bem, dançou.

(Os atores acompanham, murmurando, a saída do Diretor e, de imediato, muda-se a iluminação do palco, enquanto o Ponto toma o proscênio).

PONTO

(dirigindo-se aos atores, mas também ao público.) Basta! cansei de ser, minha vida e minha obra, objeto de manipulações e leituras redutoras. Só eu sei o que vivi e o sei agora, porque, por ocasião em que as coisas vividas eram presentes, havia muita névoa das idéias feitas tudo confundindo. Só eu sei o que significa aquilo que escrevi; se bem que muito do que escrevi para mim próprio era nebuloso e ambíguo, por vezes estranho mesmo, como se outros cus que me habitavam se pusessem a falar. Era como se a língua de minha pátria fosse insuficiente para expressar as tempestades de minh'alma e de minha carne, os frêmitos e os langores que me acometiam, o amor e o ódio que dentro de mim se dilaceravam. E os ritmos, os ritmos não me satisfaziam, meu estro sentia saudades de acentos e cadências no útero pressentidos, mas que jamais chegaram - ou jamais foram autorizados a chegar - a meus infantis ouvidos. Ecos que, no entanto, subjazem como sustentação de minha poesia e de minha prosa. Para quem falei? Para amigos, amigos verdadeiros, por certo. Hoje me pergunto, para quem falo? Para quem for capaz de comigo sentir. Então, basta! Sou eu quem dirige o espetáculo. *(Os atores se mostram surpresos e satisfeitos e se aproximam. Enquanto o Ponto diz as últimas palavras uma música de fundo - o canto de trabalho VII de O canto dos escravos - selo Eldorado - se faz ouvir em tom ascendente.)*

ATOR ARAÚJO

Meu amigo, nós os dois tivemos vidas duras, de muita pobreza e sofrimento. Eu tive o consolo de uma pobreza decente, nos anos derradeiros; tu bebeste até a última gota o fel.

PONTO

Ficaste na província e até hoje teus versos lá permanecem. Eu tentei pegar o touro pelos cornos, vê o resultado.

ATOR ARAÚJO

Sabes que, no final, o que me importava era minha missão religiosa.

PONTO

Tu foste sempre, em pessoa ou por carta, meu apoio moral. Gavita sempre disse que eu tinha dois irmãos de pele branca, Araújo Figueiredo e Nestor Vítor.

(Aproxima-se Ator Nestor Vítor. Deve-se ter o cuidado de escolher, para Araújo e Nestor, dois atores de físico bem diverso.)

ATOR NESTOR

Éramos uma turma pequena, porém aguerrida e de cabelinho nas ventas, não é, Cruz e Sousa? Custavam a nos engolir na Capital Federal, mas tu, com tua pele preta e nenhuma humildade, eras ainda mais indigesto.

PONTO

Nestor Vítor, me amparaste em vida e devo a ti não ter morrido minha poesia depois da minha morte.

ATOR NESTOR

Ora, fui apenas teu amigo. Quanto à poesia, não foi por ti que trabalhei, foi pelos que ficaram; seríamos muito mais pobres sem o teu canto. Mas, éramos mesmo uns jovens atirados.

PONTO

A turma era tachada de presunçosa, um bando de poetastros, mas quanto a mim, em particular continuava a assuada do Desterro: negrinho maluco, negrinho mau-rimador, ou a beócia admiração por um negro fazer versos. Tem razão o Frantz Fanon, o racismo, sempre abominável, atinge de forma diversa o judeu, que só é atingido quando se declara judeu; mas conosco tudo toma um aspecto novo, sou sobredeterminado do exterior. Não sou escravo da "idéia" que os outros têm de mim, mas da minha aparência. Houve tempo em que sonhei que minha arte bastasse; aprendi que minha arte só é completa incorporando minhas circunstâncias e minha condição.

ATOR ARAÚJO

Jamais quiseste temas e palavras interditos.

PONTO

Justamente por isto meus temas incluem também a situação do negro numa

sociedade em que se impõem valores brancos. Ou melhor, valores de senhores de escravos.

ATOR NESTOR

Sempre lutei para que sejas conhecido pelos teus poemas, e que tua cor seja um acidente.

PONTO

Um dia, há de chegar esse dia, a cor, o sexo, a nacionalidade serão circunstâncias diferenciadoras que dão variedade à vida, mas não determinam valor. Para chegar esse dia, há que estar de olhos abertos para as discriminações.

ATOR ARAÚJO

Então passas a dirigir a peça? O que vem agora?

(Um lado do palco se ilumina, o local do Ponto se escurece. Vêm-se uma mesa, duas cadeiras, sentados Ator Cruz e Sousa e Atriz Gavita, jovem e bela, negra. Os dois trocam carícias e conversam, enquanto se ouve a voz do Ponto em off.)

VOZ DO PONTO

O sentimento, quando é nobre e raro,
 veste tudo de cândida poesia...
 um bem celestial dele irradia
 um doce bem que não é parco e avaro,
 um doce bem que se derrama em tudo,
 um segredo imortal risonho e mudo,
 que nos leva debaixo da sua asa.
 E os nossos olhos ficam rasos d'água
 quando, rebentos de uma oculta mágoa,
 são nossos filhos todo o céu da casa.

ATOR C

Gavita, encontrar-te foi encontrar a vida. Antes de ti, eu vivia dividido; em ti eu encontrei o amor pleno de um homem por uma mulher. Amo tua alma e amo teu corpo, sentimento e desejo se completam, não se anulam. Tu não sabes como antes sofri. Julgava que as mulheres amadas tinham de ser

inacessíveis, intocadas, objeto de adoração platônica. Ansiava por uma união que englobasse corpo e alma, e as jovens da minha raça eram, pobres delas, rudes e incultas; quanto às moças brancas, estremeçiam de horror à simples idéia de amar um homem de cor. Mas contigo, não, tudo possuis de luminoso e perfeito, como a noite possui as Estrelas e a Lua, e vejo e sinto tudo através da harmonia espiritual, da alta compreensão requintada e subjetiva de quem te ama e deseja.

ATRIZ GAVITA

Ó João, tu me dizes e escreves para mim tão belas palavras. Ainda bem que conseguiste este emprego na Central do Brasil e estamos podendo criar o nosso filho. Sei que é importante colaborares nos jornais, mas só com eles morreríamos à míngua.

(Ela se levanta e vemos que está grávida. Gavita recua e C tira de uma gaveta papel, tinteiro e caneta. Enquanto ele escreve, ouve-se música surda e, de tempos em tempos, sussurros bem nítidos, a duas vozes: - Quando preto voa? - Quando cai da construção. - Quando negro sobe na vida? - Quando explode o barraco. - Por que preto não erra? - Porque errar é humano.)

ATOR C

(faz gestos de exasperação e desespero e, enquanto vai escrevendo, vai dizendo:)

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,
do tormentoso Horror, tu nada sabes, nada...
o teu caminho é claro, é matinal de brilho,
não conheces a sombra e os golpes da emboscada.
Nesse ambiente de amor onde dormes teu sono
não sentes nem sequer o mais ligeiro espectro...
mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono,
a Dor, a eterna Dor, agitando o seu cetro!

(Há um escurecimento e depois temos de novo a mesma cena, C mais abatido, tossindo sem parar, enquanto Gavita circula repetindo incompreensíveis litâneas. C levanta-se, toma-lhe as mãos e fala:)

Ó meu amor, que já morreste,
ó meu amor que morta estás!
Lá nessa cova a que desceste.

Ó meu amor, que já morreste,
ah! nunca mais florescerás?!

(Entra ator Nestor e se dirige a C).

ATOR NESTOR

Meu amigo, comadre Gavita continua em seu delírio? Já deixei lá na cozinha as frutas e carne que os companheiros mandaram. É preciso seguir as prescrições do Doutor.

ATOR C

Muito competente e humano, mas que ignora as condições em que vivemos. Já não tenho nem coragem de olhar-te nos olhos, não é justo que me ampires como se tivesses obrigação de me sustentar. Eu, que não dou valor às coisas materiais, que me propus cuidar só do Ideal e do Sonho, acordo e durmo com cifrões diante de mim, os cifrões do dinheiro que urge ganhar para alimentar as bocas queridas. Ontem, irmão, eu me vi de repente agarrado a nosso filhinho ainda bebê, tão frágil e tão terno, gritando-lhe: socorre-me do atro inferno. Quando ela enfim dorme, os meninos já há muito sossegados, eu não consigo conciliar o sono. E escrevo, escrevo, e choro. O Araújo Figueiredo me manda palavras de consolo, ele que com tanta resignação recebe os golpes, a ponto de achar que a morte da filhinha foi uma libertação. Mas eu custo a aceitar o que me acontece. Sempre supus que a abolição e depois a República iam mudar este país...

ATOR NESTOR

Aqueles poucos que tudo têm não se deixam tocar.

ATOR C

Por isso é que estou me interessando pelo socialismo, acho que para nossa revista devíamos pedir a colaboração do Gustavo Lacerda, fazer um número dedicado a Antero de Quental, lembrando seu tempo de combatente pela fraternidade entre os trabalhadores, antes que a depressão o levasse ao suicídio. Nestor, em nossa terra se aboliu a escravidão para a raça negra, mas se declarou a escravidão para todos os que vivem de seu trabalho. Com a agravante de que os de minha raça ainda são desprezados pela cor.

ATOR NESTOR

Vivemos sob a égide do Conde de Gobineau, que tenta dar verniz científico a uma opinião que só visa justificar o que é injustificável. Por isso é que julgo que não precisas te atormentar, a tua simples existência, a simples existência de tua obra literária desarma quanta teoria pseudocientífica se queira apresentar.

(Gavita torna a aparecer, abúlica. C não resiste, abraça-se a ela enquanto fala.)

ATOR C

Já te apagaste, Estrela nova,
na funda treva dessa cova,
na negra Transfiguração!

(Escurece a cena e volta a luz para onde está o Ponto.)

PONTO

(comovido, segurando a mão de Nestor.) Foram seis meses de suplício, até que ela saiu do letargo; não explico como, mas saiu, voltou a cuidar das crianças, da casa, a conversar comigo e tudo em mim ressuscitou. Eu só entendia a vida ao lado de Gavita. Eu lhe dizia, tens no nome uma sílaba a mais, teu nome é Vita.

ATRIZ

(dirigindo-se ao Ponto.) É inconcebível que um Poeta como você tenha passado por tudo isso.

PONTO

É inconcebível que qualquer ser humano passe por isso; tanto aqueles cujo nome a história guarda como aqueles cujos nomes só continuam no coração de quem os amou. No meu entender, o principal golpe no regime escravagista foi dado pelo incontáveis quilombos que se espalharam, em todos os tempos, por todo o território brasileiro, negando o regime, dando-lhe as costas, mostrando que era possível viver de outro jeito. Mas hoje nosso povo tem de agir de outra maneira, solapar este regime de exploração de dentro, exigindo que ponham em prática as belas palavras que andam por aí. Liberdade, igualdade e fraternidade ainda é uma consigna revolucionária. Saúde para todos. Educação. Exigir educação com letra maiúscula. Nosso povo, negro, pardo, amarelo ou branco, precisa do que disse a Ruth Guimarães: Orgulho e Livro.

ATRIZ

Você tem razão; deve ser por isso que se dá tão pouco valor aos professores, bons professores têm ação subversiva por definição.

(A maioria dos atores demonstra aprovação, alguns dúvida.)

ATOR NESTOR

Meu amigo, eis a nossa luta, de todos que vimos nos esforçando para que tua arte seja conhecida: que não se confunda tua vida com tua arte. No tempo em que viveste, estavas votado à tragédia, mas tua poesia tem um valor atemporal; brotou de tua vida, mas transcende tua história pessoal. Não és um grande Poeta porque sofreste, és um grande Poeta porque foste capaz de transformar tua experiência pessoal numa experiência universal.

PONTO

Ah! quem dera que, em vez de lágrimas, eu só falasse de sorrisos. Bem, mas não adianta adiar, temos de chegar lá.

(Ator C numa cama, Gavita, grávida, ao lado dele.)

ATOR C

(voz alquebrada.) Afinal cá estamos, minha Vita. Será que os ares de Minas Gerais me devolverão a saúde? Querida, vamos acabar a carta para o Nestor Vitor. Escreve, por favor: preciso com muita urgência de dinheiro. Isto aqui é muito agradável. Depois mandarei dizer tudo. Não te esqueças do dinheiro. Lembranças de Gavita. Teu - deixa-me assinar. Está aí. Acrescenta, por favor: como vão os meus filhos que aí ficaram?

(Apaga-se a cena, e numa projeção de sombras vê-se um trem maria-fumaça e um fardo sendo colocado num vagão de carga, ouve-se o apito de partida e o barulho do trem, enquanto a voz do Ponto diz:

VOZ DO PONTO

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo.
Mas eu que sempre te segui os passos
sei que cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

(A música se eleva e depois vai baixando e a luz volta lentamente para

o Ponto.)

PONTO

(dirigindo-se para os atores.) Sim, meu corpo voltou num vagão de carga, para transporte de cavalos, enrolado num lençol. Deve ter sido terrível para Gavita e para os amigos fraternos. Quanto a mim, já nada me atingia. Uns poucos me enterraram, e minha família foi viver o destino dos desvalidos, ceifada pela tuberculose. Tu, Nestor Vitor, ao lado de outros dedicados, não deixaste que minha arte se perdesse; depois houve um Andrade Muricy, Abelardo Montenegro, Raimundo Magalhães Junior e alguns outros em minha terra. Mas ainda não cheguei a meu povo.

ATRIZ

Mas você deu a seu povo uma lição de autoconfiança, de não aceitação do estigma de inferioridade.

PONTO

Não pense você que foi fácil. Havia dias em que eu me olhava no espelho, consultava meu interior e me achava um verdadeiro sapo humano, e me dizia:

Tu semelhas de um charco a superfície nua
e vítrea, que no campo, aos ares adormece,
que se em cheio lhe bate a luz do sol, da lua
para a vasta amplitude cintila e resplandece.

Aí me lembrava de minha mulher, de meus filhos, e me renascia a esperança, e lá falava eu para meu rosto desfeito:

O amor que regenera os ínfimos bandidos,
não reduziu, enfim, tu'alma a ignóbil trapo.

E eis porque, num viver de pântanos e gemidos,
cantam dentro de ti aves e estrelas, sapo.

(A atriz faz um gesto de horror e negativa, Nestor Vitor o abraça. O Ponto se desvencilha e ganha o proscênio.) Bem, já que o diretor agora sou eu, vamos terminar o espetáculo a meu modo. Como vocês sabem:

O ser que é ser transforma tudo em flores...

e para ironizar as próprias dores
canta por entre as águas do Dilúvio!

Portanto, cantemos.

ATOR I

O Diretor, aquele que saiu há pouco, queria terminar a peça com uma apoteose: você guindado ao mais alto reconhecimento; seu nome no palácio de governo, prêmio literário oficial com seu nome, busto em praças...

PONTO

Depois sou eu que tenho sangue de canibais; me trituraram em vida e querem me digerir depois de morto. Por eles, nada muda. As crianças continuam a morrer como moscas, as ruas se enchem de deserdados e eles a dar esmolas, a dar esmolas enquanto continuam a fazer negociatas, pagar salários de fome, sonegar impostos e a pôr o estado a serviço de seus interesses particulares. *(Olha em volta como a tomar uma decisão.)* Então era para terminar com uma apoteose, pois seja. *(Chama os atores todos, que se dispõem como para um desfile, atrás vai sendo projetada uma série de imagens, tanto de miséria como de trabalho, de ação política, de criação artística, de festa, alegria, revolta, esperança, colhidas de nossa atualidade. A projeção deve obedecer a um certo ritmo, não ser muito rápida, com imagens de variados temas. Uma música de fundo acompanha a cena.)* Agora, a Lítania dos Pobres.

TODOS

Os miseráveis, os rotos
são as flores dos esgotos.
São espectros implacáveis
os rotos, os miseráveis.
São prantos negros de furnas
caladas, mudas, soturnas.
São os grandes visionários
dos abismos tumultuários.
As sombras das sombras mortas,
cegos, a tatear nas portas.
Procurando o céu, aflitos
e varando o céu de gritos.
(Pontuação musical indicando corte no poema.)
Mãos inquietas estendidas
no vão deserto das vidas.
Figuras que o santo ofício

condena a feroz suplício.

(Nova pontuação.)

Bandeiras rotas, sem nome,
das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas
das sangrentas barricadas.

(Nova pontuação.)

Ó pobres o vosso bando
é tremendo, é formidando!

Ele já marcha crescendo,
o vosso bando tremendo...

(Nova pontuação e a música vai se tornando mais alegre e triunfal.)

Parece que em vós há sonho

e o vosso bando é risonho

Que essas flageladas almas
reverdecem como palmas.

Que essas cabeças errantes
trazem louros verdejantes.

Que trazeis magos aspeitos
e o vosso bando é de deuses.

Que vestis a pompa ardente
do velho sonho dolente.

Que por entre os estertores
sois uns belos sonhadores.

(O pano desce, fim da peça, ainda quando se vão ouvindo as palavras finais.)

Fim